

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Elisângela Maura Catarino
 Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
R332	Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-873-1 DOI 10.22533/at.ed.731211103
	1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título. CDD 101
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA

Mirella Guimarães Pedroso

Ana Claudia de Leite-Mor

DOI 10.22533/at.ed.7312111031

CAPÍTULO 2..... 15

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Renato Somberg Pfeffer

DOI 10.22533/at.ed.7312111032

CAPÍTULO 3..... 25

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Fernandes Zanoni

DOI 10.22533/at.ed.7312111033

CAPÍTULO 4..... 38

A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER

Maria Jorge dos Santos Leite

DOI 10.22533/at.ed.7312111034

CAPÍTULO 5..... 48

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT

Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

DOI 10.22533/at.ed.7312111035

CAPÍTULO 6..... 55

BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

Nathan D'Avila Silva

Keberson Bresolin

DOI 10.22533/at.ed.7312111036

CAPÍTULO 7..... 63

LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111037

CAPÍTULO 8..... 71

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111038

CAPÍTULO 9	82
FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA	
Nosta da Graça Mandlate	
Tancredo Tercílio Tivane	
DOI 10.22533/at.ed.7312111039	
CAPÍTULO 10	94
O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR	
Roberto Carlos de Andrade Júnior	
Robson Costa Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.73121110310	
CAPÍTULO 11	104
PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT	
Thainá dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.73121110311	
CAPÍTULO 12	112
PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU	
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.73121110312	
CAPÍTULO 13	133
SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS	
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.73121110313	
CAPÍTULO 14	147
SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?	
Renata Ribeiro Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.73121110314	
CAPÍTULO 15	150
HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Conrado Giraldo Zuluaga	
Felipe Jaramillo Vélez	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.73121110315	

SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO.....	163

CAPÍTULO 9

FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCER DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA

Data de aceite: 01/03/2021

Nosta da Graça Mandlate

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PPGS-UFRGS;
Universidade Pedagógica de Moçambique
UFRGS.

Tancredo Tercílio Tivane

Universidade de Arkansas Fayetteville,
Universidade George Mason
Universidade Pedagógica de Moçambique

RESUMO: A filosofia africana deve se propor a elaboração de conceitos que rompam com a tradição ocidental da prática filosófica. O rompimento com essa prática filosófica pode parecer importante para a produção de uma filosofia genuinamente moçambicana e também para uma prática filosófica que levará a sério as produções intelectuais cotidianas dentro das culturas. O acompanhamento dos intelectuais dessas criações culturais também parece ser muito valioso e necessário porque foi dentro dessas realidades que se produziram as formas que enfrentam o *epistemicídio* posto em prática pelo Ocidente desde a colonização. Também é importante acompanhar esses mesmos intelectuais em suas tarefas diárias pois a partir de suas tecnologias tradicionais de resistência a cultura vai prevalecer. Neste artigo destacamos a importância da atividade intelectual dos Tinyangas (curandeiros) no sul de Moçambique para a continuidade da cultura Tsonga.

PAVARAS - CHAVE: Filosofia Africana, Filosofia Moçambicana, Epistemicídio, subjugação, negação de si e Tinyanga.

ABSTRACT: African philosophy must propose itself to the elaboration of concepts that will break up with the western tradition of philosophical practice. The break with this philosophical practice may seem important for the production of a genuinely Mozambican philosophy, and also for a better philosophical practice that would take seriously the everyday intellectual productions within cultures. The follow-up to the intellectuals of these cultural creations also seems to be very valuable and necessary because it has been within these realities that the forms that confront the *epistemicide* put in place by the West since colonization have been produced. It is also important to follow these same intellectuals in their daily tasks because from their traditional technologies of resistance, culture will prevail. In this article we highlight the importance of the intellectual activities of the Tinyangas (healers) in southern Mozambique for the continuity of the Tsonga culture.

KEYWORDS: African Philosophy, Mozambican Philosophy, Epistemicide, subjugation, self-denial and Tinyanga.

INTRODUÇÃO

Neste texto discutimos em torno da Filosofia Africana, a partir de Moçambique. Nesta reflexão mapeamos e discutimos em torno do fazer filosófico em África, especificamente

em Moçambique. Para falar de filosofia africana há sempre uma necessidade de fazer uma problematização que inevitavelmente retome ao processo de colonização europeia aos povos do sul. Essa colonização europeia enquanto se esforçava na destruição dos modos de produção da vida desses povos, operou numa lógica que impunha a negação de si, do próprio nativo. A colonização foi também um processo ideológico, que se colocou num prisma “civilizador” e “libertário” aos povos do sul, de si próprios, suas epistemes e suas culturas para a introdução da pretenciosa boa nova, a cultura ocidental (Ajari, 2011).

A produção de uma filosofia africana, especialmente a partir de africanos, não se dissociou desse processo eurocêntrico, que em certa medida pretendeu aproximar-se da tradição filosófica ocidental. Paulin Hountondji, sugere que, o sucesso da filosofia africana está na assunção do filósofo africano do seu legado e principalmente tais escritos veiculados em línguas nativas, com vista a se promover debates principalmente dentro da África entre os nativos (Hountondji, 2012). Em alguns países africanos como Moçambique, as línguas vigorantes são as do colonizador, e as línguas nativas são relegadas ao segundo plano, alguns nativos nem sequer se interessam em conhecê-las. Esse desinteresse tem suas raízes na colonização, que para o caso de Moçambique, as línguas nativas foram designadas de línguas de cão.

É importante realçar que a filosofia, é também participante do processo de subjugação e banalização do conhecimento africano. Figuras como o padre Placid Tempels, justificaram que o exercício de filosofia acerca da África era tarefa exclusiva dos ocidentais e aos africanos lhes cabia a apreciar e confirmar esses tais escritos (Hountondji, 2012). Ao africano, pensadores como Hegel, Gobineau, observaram que eram desprovidos de humanidade, pensamento e conseqüentemente incapazes de filosofar (Otaño, 2016). Os africanos por seu turno, grosso modo se esforçaram na busca por uma outra identidade, próxima da ocidental, desde a forma de se expressar, a orientação do pensamento e das questões mais elementares/essenciais da vida (Fanon, 2008). A negação de si, impactou e impacta severamente a produção filosófica em África, tanto pela insuficiência dos conceitos filosóficos ocidentais para pensar essas realidades e principalmente o esforço de enquadramento das produções filosóficas desses contextos à filosofia ocidental. Tal como apresentam Latour e Descola, os modos de produção da vida ocidentais não são únicos e os mais corretos (Latour, 2016; Descola, 2007).

Para nós, a filosofia africana deve se propor a construir conceitos específicos que deem conta das realidades locais e sob os quais orientar se as suas produções filosóficas, com objetivo de romper com a tradição ocidental.

Se o exercício filosófico passa necessariamente pela reflexão em torno dos problemas que afligem a sociedade na qual se está inserido, a filosofia africana será igualmente um exercício que se debruça na reflexão em torno dos seus problemas específicos. Ao contrário do que fundamentara o padre Tempels, o africano tem a capacidade de compreender os sistemas que regem o seu conhecimento (Hountondji, 2012).

Aqui tentaremos discutir em torno da filosofia Tsonga, a partir do conceito de ancestralidade, que nos parece central e tem sido mobilizado pelos nativos em todos os momentos. Para o ocidental a filosofia é um processo de produção solitário, do sujeito cognoscente, que remonta a máxima cartesiana, “cogito ergue sum” penso logo existo. Para nós a produção intelectual é um processo de que participam vários entes, e nos parece que levar um pouco a sério o conceito “Cogitamus”, proposto por Latour (2016), nos ajuda a delinear o que seria filosofia africana. Nisso mostraremos a produção intelectual dos Tinyanga¹ do sul de Moçambique, que ao nosso ver fazem a intermediação entre a ancestralidade, (os defuntos, antepassados) com os humanos. Nesse exercício os Tinyangas fazem a intermediação entre os humanos e não humanos, com vista a solucionarem os problemas concretos. Nesse processo os Tinyangas se nutrem do espírito ontológico Tsonga, a capacidade de coabitar com várias realidades e burlam as pretensões neocoloniais que pretendem aniquila-los, quando com a introdução de novos saberes, impõe de certa forma a (re) atualização das suas bases epistemológicas. Que Eduardo Oliveira (2009), apresenta um conceito de epistemologia, que é fonte de produção de signos e significados que se forjam num contexto cultural.

Neste texto, primeiro apresentamos as consequências da colonização na produção da filosofia africana, de seguida pontuamos alguns caminhos para construção de uma produção filosófica moçambicana, que segue os Tinyanga. Estes, no nosso ver, se configuram em um dos potenciais filósofos moçambicanos, que produzem suas “textualidades” no cotidiano a partir das suas ações e na oralidade, quando lutam para que a ancestralidades não caia no esquecimento.

A ancestralidade, parece um conceito importante para tratar a filosofia africana. Para o caso Tsonga, a ancestralidade é uma espiritualidade que subjaz ao passado do indivíduo. Nesse contexto o sucesso ou o fracasso do indivíduo pode estar associado aos seus ancestrais, (chamados de Tinguluves, na língua changana, falada no sul de Moçambique) e conseqüentemente para a busca de soluções é necessário o esforço conjunto entre o indivíduo e os seus ancestrais. Esse encontro entre as entidades do indivíduo e consigo mesmo, se dá por meio dos Tinyanga, a partir da possibilidade que detém de transitar em vários mundos.

A produção filosófica, neste contexto não deve de nenhum modo negligenciar que as produções intelectuais estão de certa forma circunscritas nos processos da colonização ou na neocolonização.

¹ Tinyanga, plural da palavra Nyanga. Tinyanga são entidades espirituais do sul de Moçambique.

A GÊNESE DA SUBJUGAÇÃO DO CONHECIMENTO AFRICANO

Em julho de 1497, um pequeno grupo de quatro navios partiu de Lisboa sob a capitania de Vasco da Gama² e atingiu portos moçambicanos no início de março de 1498 (Duffy, 1962). Isso abriu portas a uma nova corrida marítima para um novo continente onde rapidamente os europeus descobriram riquezas em forma de ouro, marfim e borracha em proporções superiores às da já explorada Índia. Até o final do século XVIII, a relação entre os europeus e os nativos era mais econômica, maior interesse era colocado aos recursos que África continha e menos no seu povo e suas formas de vida. Não havia sido instalado até esta altura praticamente nenhum sistema oficial que desafiasse os hábitos, costumes e saberes africanos, no entanto, são exceção os negros que eram enviados como escravos para Europa e América. Para solidificar estes interesses, foram construídos nas costas do continente Africano portos de refúgios para navios Europeus (Duffy, 1962, p.77) e nessas mesmas zonas foram também estabelecidas as primeiras cidadelas dos colonos.

Porém, como sinal do seu complexo eurocêntrico de superioridade, os europeus perceberam que havia mais benefício em tomar África no seu todo e emergir de simples negociantes para colonizadores. Mas foi somente no início do século XVIII que os europeus tomaram uma administração direta de África e através da conferência de Berlin (1884 e 1885) selaram o destino de África e do seu povo sem que este estivesse ciente. Essa divisão não respeitou nem tão pouco as ligações culturais que os povos nativos continham. James Duffy, um acadêmico americano considera no seu livro *Portugal in Africa* (1962), que esta conferência transformou posições dos europeus em políticas⁴ (Duffy, 1962, p.109). No entanto, essa divisão não respeitou os laços e relações culturais entre os nativos e pessoas que viviam consideravelmente na mesma tribo tiveram que se adaptar à realidade de viver em dois países diferentes que na maioria das vezes tinham sistemas e línguas diferentes. Como exemplo disto: os Tsongas que habitavam no sudeste de África viram suas terras repartidas entre três regiões geridas por dois países Europeus (região de Moçambique gerida por Portugal, e as regiões da Rodésia e África do Sul geridas pela Inglaterra); a tribo dos Mandinkas do Oeste de Africa foi repartida entre Mali, Costa de Marfim, Guiné e Gambia.

Para informar o cidadão Europeu sobre África e seus selvagens semi-humanos, etnógrafos aventuravam para o interior do novo continente e com espírito heroico “descobriam” e descreviam esta nova espécie. Seus trabalhos científicos tinham uma enorme relevância científica mundial e eles foram preponderantes na solidificação da imagem selvagem do Africano. Contadores de histórias faziam safaris para ver esses homens pretos e escreviam “*memoirs*” de bravura na terra destes indígenas. Romances como *Heart of Darkness* (traduzido: *O centro da escuridão*)³ de Joseph Conrad(1899)

2 <https://www.history.com/topics/exploration/vasco-da-gama>

3 Aclamada como uma das melhores obras da literatura britânica, é um ícone de injustiça e racismo contra os negros. Em um dos episódios os personagens principais descrevem os negros como crianças adultas afirmando: “eles estavam

e filmes como *The Gods Must Be Crazy* (traduzido: Os deuses devem estar loucos)⁴ representavam os africanos com tanta estupidez, monotonia e negatividade que tornou-se um eufemismo simplesmente retrata-los simplesmente como incivilizados.

O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

No processo de melhoramento da sua máquina colonial, a Europa descobriu que também era necessário implementar um discurso positivo em relação à exploração da África e portanto justificar com eloquência porque a África e seu povo precisavam ser explorados. Conseqüentemente surgiu um sistema racial eurocêntrico de valores religiosos e sociais que denegria os nativos e seus saberes e legitimava a superioridade da cultura branca. Este sistema punha como “atitude humanitária necessária” colonizar o negro. Os alvos desta perspetivação “messiânica” eram ambos o público europeu - para que apoiasse econômica e moralmente a colonização pois com isso se justificaria a imperiosidade de alocar recursos para as colônias, e os próprios nativos para que aceitassem o seu destino de subjugação. Ele também consistia na alienação cultural e fornecia as ferramentas para sobre-promover os hábitos e costumes de vida da Europa.

Conforme mencionado acima, foi por meio da ciência de etnógrafos, antropólogos e estudiosos religiosos que todas teorias e argumentos depreciativos contra o homem negro foram concebidos. A partir dessa época, a África foi sendo estudada e explicada pelas lentes da cultura europeia e ao apontar o que a cultura europeia tinha que os povos africanos não tinham, surgia uma nova imagem tribal e africanista de selvageria que só seria sanada por um novo sistema colonial que levasse a Europeização dos Africanos (Mazula, 1995). Um novo futuro para a África estava sendo desenhado sem seu povo.

Para o resto do mundo, os europeus eram civilizados e desenvolvidos e a Europa era terra de pensadores e fazedores. Em contraste, os africanos eram selvagens e viviam nas antípodas da humanidade, fora do circuito histórico e do caminho do desenvolvimento (Mazula, 1995). Os civilizados normalmente reinam sobre os incivilizados e essa era uma ideia que até mesmo Darwin profetizou. No entanto, este nível de desenvolvimento humano europeu era alcançável, só que era necessário uma cultura civilizada para civilizar um grupo de pessoas não civilizadas e não o contrário. O primeiro passo em direção a esse objetivo foi suprimir a identidade do homem negro e substituí-la por outra que era considerada melhor. Para implementar de forma sistemática o processo de dominação, a educação e religião foram instituídos como instrumentos que pacificariam os negros e os elevariam a um nível próximo da civilização.

abaixo de mim, (...) olhar para eles era tão edificante quanto ver um cachorro dentro de um pedaço de calça e chapéu de pena andando sobre as patas traseiras (...).é possível que para eles nós pareçamos seres sobrenaturais (...) com poderes de uma divindade. (CONRAD, 1899, sp).

4 Um filme feito na era do apartheid na África do Sul, ele conta a estória de Nxau, um homem da tribo dos bosquímanos que entende que uma garrafa vazia de Coca-Cola atirada de uma avioneta é um presente dos deuses.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA ELIMINAÇÃO CULTURAL DOS AFRICANOS

A educação dos africanos não foi em si uma prioridade colonial mas o seu efeito formatador foi cobijado pelo sistema. É importante entender como essa ferramenta foi usada para a assimilação cultural do Africano e também perceber o tipo de relação cultural entre os colonizadores e os nativos e até que ponto essa relação suprimiu os valores tradicionais e saberes que existiam antes da sua chegada. A educação era basicamente uma ferramenta de assimilação cultural. De acordo com a Enciclopédia de Psicologia Aplicada de Spielberger (2004), “assimilação cultural” significa um processo em que um grupo dominante suprime a cultura e a herança de um grupo dominado e conseqüentemente os exclui de participar ativamente de uma sociedade maior.

Embora todas sociedades precisem de um sistema de transmissão de conhecimentos às novas gerações, de valores morais, tradições ou história locais, a verdade é que o sistema educacional colonial implementado em África foi uma antítese ao real fim da educação pelo facto de vir para lutar contra todos esses valores e saberes locais já existentes. Através dele foram ignorados todos conhecimentos locais relativos a África e aos Africanos e como consequência hoje não há história da África mas sim uma história dos europeus na África (Chamberlain, 1999). Doutro lado, a tradição oral dos povos africanos não ajudou a criar uma narrativa escrita confiável e factual sobre eles. “Cultura” era uma coisa que só os europeus possuíam e apenas eles podiam ditar os padrões, os africanos tinham somente “feições diabólicas”.

Teoricamente, para os europeus educar esses indígenas significava trazê-los para a civilização (Mazula, 1995) e rapidamente essa educação trouxe consigo uma rutura significava de demonização das culturas e ideologias locais. O sistema colonial entendeu que precisava de desenvolver um currículo que levasse os nativos a se conformarem com o retrato selvagem que lhes estava a ser imputado e para isso foram introduzidos currículos racialmente segregados. Os nativos precisavam ver as diferentes culturas europeias como superiores às suas e o sistema de ensino colonial legitimava e criava o ambiente propício para essa visão.

Um dos maiores prémios que a educação fornecia era a civilização e o “status” de assimilado oque por sua vez trazia mais oportunidades para o negro no seio da comunidade colonial. Ser civilizado significava elevar os padrões de vida europeus em detrimento dos padrões locais e o sistema de ensino europeu era eficaz em providenciar essa formatação aos Africanos. Conforme pretendia o sistema educacional para os indígenas, os *assimilados* deveriam saber falar, escrever, ler e contar em línguas europeias, até mesmo ter uma função oficial que o tornasse um membro ativo da sociedade colonial. Basicamente, ser civilizado significava ser um negro apenas de cor da pele mas com hábitos e costumes de um branco. Só que ainda assim, por meio dessa mesma educação, os nativos tinham pelo menos uma oportunidade única de ganhar respeito, serem tratados como quase pessoas,

e sem essa formatação isso era improvável.

Embora se possa pensar que actualmente numa África livre onde o povo professa livremente os seus credos e tradições as coisas sejam diferentes, a verdade é que esta forma de alienação foi tão eficaz que até hoje Africanos tratam como falta de civismo a falta de fluência no português, inglês ou francês mesmo sendo fluente na sua língua local.

O PAPEL DA RELIGIÃO E MISSÕES RELIGIOSAS NA DESCULTURAÇÃO DE ÁFRICA

Grande parte da máquina de dominação Europeia em África beneficiou da relação que os países europeus tinham inicialmente com o Vaticano e em seguida com as religiões cristãs protestantes. O cristianismo foi um parceiro fundamental de todo o plano de colonização de África, inclusive as primeiras escolas de desculturação do negro foram inicialmente geridas por freiras católicas em seguida por igrejas protestantes, nomeadamente a Metodista Unida Americana, os Wesleyanos Britânicos e a Missão Presbiteriana Suíça (Sheldon, 1988). Essas missões tinham objetivos econômicos e morais, pretendiam treinar os indígenas africanos para a força de trabalho colonial e prepará-los espiritualmente, bem como introduzir valores que eram considerados civis para o mundo ocidental, como as percepções de vestimentas, habitação, medicina, educação e relações sociais (Nunn, 2009). A abundância destas instituições religiosas ia em consonância com os regulamentos e com o plano económico, político e social dos governos coloniais. A máquina colonial precisava de profissionais qualificados e doutro lado as missões religiosas queriam fazer o que consideravam sua missão religiosa: espalhar o evangelho e salvar esses selvagens da sua própria condenação.

A religião ofereceu argumentos bíblicos sobre por que os africanos eram inferiores e justificou a necessidade de sua exploração. O argumento inicial sublinhou como os africanos foram amaldiçoados; isso significava que eles não eram seres humanos como os brancos, mas por meio da conversão ao Cristianismo e adesão de seus valores e se seguissem a Bíblia eles poderiam ser salvos (Sweet, 2003). Eles eram descendentes de Ham, o filho de Noé que foi amaldiçoado como consequência de ver a nudez de seu pai (Lee, 2003)⁵. O argumento subsequente implicava uma relação vertical entre Deus e o homem onde o céu e o inferno são lugares (a terra estava no meio) que Deus decidirá enviar os humanos de acordo com suas ações na terra. A partir dessa teoria, o ser humano deve entender que existem consequências decorrentes de cada ação individual. Uma conduta adequada deve ser guiada pelos ensinamentos bíblicos e se alguém seguir esses valores será recompensado por ser permitido no céu onde existe a vida eterna perfeita. O oposto desta recompensa é o inferno onde um sofrimento e dor eternos acontecerão. No entanto, todas essas consequências ocorrerão apenas após a morte.

⁵ <https://www.nytimes.com/2003/11/01/arts/from-noah-s-curse-to-slavery-s-rationale.html>

Doravante, além do fato de que os africanos foram informados de que eles precisavam ser salvos, eles também precisaram seguir esses ensinamentos bíblicos que os colocavam. Assim, fazer o que os padres brancos diziam ser certo os levaria à salvação; uma das coisas que o deus cristão encorajava era exercer a paz e não resistir à violência - dar a outra face como dizia sua bíblia, deste modo, mesmo que os europeus estivessem sendo abusivos e/ou errados, em última análise cabia apenas a Deus puni-los e daí premiar os oprimidos negros com a vida eterna. Essa ideologia tornou-se tão bem-sucedida e ajudou o sistema colonial a atingir seus objetivos ao mesmo tempo em que reduzia a agressividade do sistema (Mazula, 1995). Não cabia aos africanos responder à violência a que lhes era imposto por outra violência porque isso ia contra o que o deus branco ensinava.

A FILOSOFIA COMO PARTICIPANTE DA SUBJUGAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS POVOS DO SUL

Por meio de toda essa filosofia etnológica e eurocêntrica e de seu discurso religioso e político, a ideologia colonial encontrou um caminho para desenvolver uma consciência de dominação e exploração econômica ao mesmo tempo que propagandeava o discurso “civilizador” (Mazula, 1995). Os Europeus não procuraram compreender os africanos e a sua cultura, eles apenas entendiam a sua própria imagem e olhavam para os africanos por meio dessa imagem que ajudou a relegar as tradições locais como folclore e supersticioso (Duffy, 1962). Os africanos, a sua cultura, estilo de vida, crenças e língua não eram semelhantes ao que os colonizadores europeus consideravam normal e padrão. Porém, esta narrativa tendenciosa era resultado de tentar caracterizar todas as culturas africanas através das lentes cristãs vigorantes naquela época na Europa e como não havia nenhum traço de semelhança, eles foram despojadas de sua humanidade. E sob pretexto libertário e civilizador (Ajari, 2011).

James Sweet, em seu livro *Recreating AFRICA: Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770* (2003), afirma que o primeiro erro cometido por estudiosos europeus foi de tentar encontrar um deus onipotente e onipresente entre os africanos, um deus cristão. Mas, em muitos grupos de africanos, uma consideração de divindade é dada a pessoas específicas, aos ancestrais, e não a um “zumbi” desconhecido com poderes universais. Esses ancestrais foram pessoas bem conhecidos pelos nomes que usavam quando estavam vivos e eles só podiam cuidar de seus descendentes diretos e não de qualquer pessoa e por isso cada família tinha seu próprio ancestral (sp).

A RELIGIOSIDADE AFRICANA, MOÇAMBICANA, UM MODO DE FILOSOFAR

A ontologia e cosmologia africana, sua religiosidade em geral, transcendem não apenas sua estrutura social e aparência, mas também sua vida diária. Em África, a tradição decide o “status” social, as formas de adoração, os casamentos (tanto matrilineares ou

patrilieares), a vida e morte; a tradição determina o papel social do homem, da mulher e da criança. Para os africanos, tradição e religião são ferramentas usadas para beneficiar os vivos e não para sustentar meta-garantias. A tradição é que define as regras e estruturas sociais. Existem regras tradicionais e religiosas que orientam como as pessoas se comunicam e se relacionam; os Tsongas por exemplo, um grupo de pessoas com uma forte estrutura patriarcal que vive predominantemente no Sul de Moçambique e Nordeste da África do Sul, evocam seus antepassados em qualquer acontecimento das suas vidas. Os antepassados são o ponto de partida quando há felicidade ou tristeza, seca ou chuva, doenças ou saúde e para cada evento há um curandeiro ou sábio local altamente respeitado e poderoso (nyanga ou nghanga). Estas tradições sempre existiram mesmo antes do primeiro explorador Europeu chegar em África. No entanto, essas crenças e tradições quando olhadas através das lentes religiosas (da religiosidade ocidental, “a única religião que pode levar a salvação”) foram tidas como diabólicas e a partir daqui a religião ofereceu aos europeus uma justificativa para desculturar os negros.

A EPISTEMOLOGIA MOÇAMBICANA: SOB QUE ESTEIRAS PENSAR A FILOSOFIA EM MOÇAMBIQUE?

Como realçamos acima o processo de produção filosófica e intelectual em geral, em África parece impossível de se dissociar do ocidente, (da colonização, suas consequências e inclusive aos processos da neocolonização), e deve se atentar a todos os mecanismos que burlam aos processos de orientalização. Orientalização, como um processo de produção/ invenção do outro (Said, 1990). Ao nosso ver a formulação de conceitos filosóficos que deem conta dos contextos africanos específicos, depende da observação cotidiana dos actantes, e principalmente as formas engendradas pelos nativos para a resolução dos problemas. Os nativos, os Tsonga são os agenciadores da cultura, que se equiparam aos Big mam e/ou Great men da Nova Guine. (Godelier & Strathern, 1991).

Aqui, prestaremos atenção aos líderes espirituais, em especial os Tinyanga, que diante do processo opressor produzem formas potentes que burlam o opressor não somente no que tange as suas relações com o opressor, mas inclusive na invenção de formas novas de conhecimento que de certa forma, tranquiliza os nativos, no processo de busca pelo cuidado nessas redes, mesmo que ainda presos na reprodução dos processos ideológicos impostos pela colonização.

Os Tinyangas são líderes espirituais, que desempenham várias funções entre os Tsongas desde a intermediação entre humanos e não-humanos, até a (re) produção e atualização de conhecimentos autóctones. É importante salientar, que os Tinyangas são fundamentais para a permanência da ontologia Tsonga face aos processos da colonização que estão impostos desde o período colonial. Aqui trataremos acerca das suas resistências face ao embate com ministério da saúde moçambicano, regido essencialmente a partir da

ontologia ocidental. A partir das alianças com a ontologia ocidental, o Ministério da Saúde, aniquila as ontologias Tsonga. A pretensão de aniquilamento desses conhecimentos se dá essencialmente a partir da imposição para introdução de “rituais” ocidentais nas casas de cura destes, por exemplo, o receituário, que com base nele se referenciam os pacientes para a instituição médica e dificilmente esse referimento, ocorre no sentido oposto. Neste artigo não pretendemos debater em torno desses embates ontológicos entre estas duas entidades de cuidado, mas discutir em torno dos mecanismos engendrados pelos Tinyangas frente à essa opressão.

A atuação dos Tinyangas se inscreve num processo ponderado facultado pela ontologia Tsonga, que possibilita a incorporação e coabitação com elementos exógenos. Essa característica é possível devido a fluidez dessas epistemologias locais, na medida em que estão o tempo todo se (re) inventando. As metamorfoses existentes na ontologia Tsonga, parecem semelhante à capacidade de reinvenção e incorporação de novas realidades na cultura Dogon, e essa incorporação de realidades exógenas é regida em unidade, mas que não se reduz em uma síntese (Oliveira, 2009).

Quando a partir da potência de coabitação com as várias realidades, os Tinyangas criam condições para a incorporação de novos conhecimentos dentro das estruturas ontológicas Tsonga, e essa incorporação não se reduz no aniquilamento do seu conhecimento. Nesse âmbito, os Tinyangas burlam o processo de subjugação, na medida em que a obrigatoriedade em incorporação de conhecimentos ocidentais não aniquila o conhecimento moçambicano.

Enquanto o neocolonialismo, impõe mecanismos ideológicos de banimento do conhecimento nativo, no caso moçambicano, quando o sistema de saúde à luz das orientações da Organização Mundial da Saúde recomenda a inclusão dos conhecimentos locais de cura após análises com base em técnicas de certificação ocidental, obriga aos Tinyangas a incorporação do receituário e referência de seus pacientes para a instituição médica. O processo de subjugação de conhecimentos autóctones operou e reproduziu efeitos de negação de si, mas de grosso modo, o nativo consciente da importância deste conhecimento, quando busca pelo cuidado nestas redes oculta e desse modo evita traços que o vincule a estas redes. Nisso, os Tinyangas para conformar a essa ocultação, também engendram mecanismos de ocultação, que possibilita o acesso a essas redes de forma contínua, por exemplo, quando deviam vacinar⁶ em lugares expostos, passam a vacinar em lugares de acesso exclusivo de pessoas íntimas, por exemplo, uma corda que poderia ser colocada no pulso, passa a ser colocada na cintura. Uma vacina que deveria ser feita

6 Vacinar, são cortes que frequentemente são realizados pelas entidades espirituais de cura em Moçambique, esses cortes são realizados com lâminas e de seguida se esfrega no local do corte, com medicamentos de tratamento, são geralmente dois traços paralelos, por conta disso, no contexto local pode se chamar de maonze, os onzes, tradução livre para português. A denominação maonze, para além de denotar os traços paralelos, nessa tradução para o português, parece estar vedado de estereótipos, que só depois de um pouco de esforço, se compreende o paralelismo de português para a língua changana e vice-versa. O processo de esfregamento para a absolvição dos medicamentos, se faz enquanto a entidade espiritual usa a máscara.

em partes visíveis, passa a ser feita em lugares ocultos. A preocupação destas entidades parece não buscar defrontar de frente, mas se assume e se vale substancialmente do silêncio. Quando diante de todo emaranhado ideológicos da colonização e seus efeitos preferem produzir mecanismos potentes que se forjam no silêncio e ocultação. Por exemplo, um Nyanga quando realiza um ritual, a semelhança de alguns pacientes que buscam por este cuidado se preocupa em não deixar marcas visíveis no seu paciente. De igual modo, quando lhes impõem regras nas suas práticas de cura fingem que cumprem, mas na realidade re (significam) as suas práticas de cuidado. Os Tinyangas a partir de processos internos e ocultos, assumem uma postura favorável à permanência da cultura Tsonga, face aos mecanismos de subjugação, epistemicídio e banalização.

CONCLUSÃO

A filosofia Africana, principalmente a moçambicana deve-se propor a uma elaboração a partir do que tem sido as resinificações da vida quotidiana, que é a partir delas que se engendram os mecanismos que defrontam contra o epistemicídio que impacta sobre a permanência da ontologia Tsonga, e conseqüentemente para a produção da filosofia “genuinamente” moçambicana. O seguimento do quotidiano das atividades culturais e elaboração de conceitos a partir dessa observação. E, esses intelectuais que enveredam por esse caminho tenham sempre presente que, eles são meros tradutores desse conhecimento e se proporem a elaborarem conceitos desvinculados do processo de subjugação que nos foi imposto pelo ocidente.

REFERÊNCIAS

AJARI, Norman. “Frantz Fanon: luchar contra la bestialización, demoler el biopoder.” *Estudios de filosofía práctica e historia de las ideas* 13.2 (2011): 53-60.

CHAMBERLAIN, Muriel Evelyn. (1999). *Decolonization : the fall of the European empires*. Malden, MA : Blackwell Publishers.

DESCOLA, Philippe. *Outras Naturezas e Outras culturas*, editora 34, São Paulo. 2007.

DUFFY, J. (1962). *Portugal in Africa*. Cambridge: Harvard University Press.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008;

GODELIER, Maurice; STRATHERN, Marilyn (ed.). *Big men and great men*. Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 1991.

HONWANA, Alcinda Manuel. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas. Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique*. Nova York: Ela por Ela, 2002.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.

LATOURE, Bruno. *Cogitamus: Seis cartas sobre as humanidades científicas*. Rio de Janeiro. Editora 34. 2016

LEE, Felicia R. (2003 November 1st). From Noah's Curse to Slavery's Rationale. *the new York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/2003/11/01/arts/from-noah-s-curse-to-slavery-s-rationale.html>

MANDLATE, Nosta da Graça. *Se não nos cozinharemos não melhoramos: disputas entre a medicina convencional e a tradicional em torno do HIV/SIDA na etnia Tsonga em Moçambique*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MAZULA, B. (1995). *Educação, cultura e ideologia em Moçambique, 1975-1985: Em busca de fundamentos filosófico-antropológicos*. Lisboa?: Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa.

NUNN, N. (2009). *Christians in Colonial Africa*. Harvard University Retrieved from: https://scholar.harvard.edu/files/nunn/files/aerpp_nunn_2010.pdf

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da ancestralidade. *Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins*, 2009, vol. 1, no 2.

OTANÓ, Diana Cantón. Joseph Auguste Anténor Firmin: lazos com Cuba. Les Éditions du CIDIHCA: Montréal, 2016.

PASSADOR, Luiz Henrique, Guerrear, Casar, Pacificar, Curar: O universo da Tradição e a Experiência com o HIV/AIDS no Distrito de Homoine, Sul de Moçambique. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SAID, Orientalismo, O oriente como invenção do ocidente. Traduzido por Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, [1990].

SHELDON, K. (1998). *I studied with the nuns, learning to make blouses: Gender ideology and colonial education in Mozambique*. *International Journal of African Historical Studies*, 31(3), 595. <https://doi.org/10.2307/221477>

SWEET, J. H. (2003). *Recreating africa : Culture, kinship, and religion in the african-portuguese world, 1441-1770*. Retrieved from <https://ebookcentral.proquest.com>

Tempels, Placid (1969), *Bantu Philosophy*, tradução de Colin King. Paris: Présence Africaine [1945].

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

R

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

S

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

V

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 